

Craniologia, Uma Pseudociência Médica

Dr Renato M.E. Sabbatini
UNICAMP

Os historiadores da ciência dizem que a medicina foi a última das ciências a se desenvolver.

De fato, no começo do século XIX várias ciências naturais, como a física, a astronomia e a química, já tinham um status bem estabelecido há 100 anos ou mais. A medicina, no entanto, ainda lutava para se livrar de diagnósticos baseados na teoria grega antiga dos humores, e de métodos terapêuticos bárbaros, como a sangria e a cauterização de feridas com óleo fervente, “medicamentos” empíricos absurdos, como raspa de caveira de enforcado misturada com baba de morcego, e coisas do gênero, que eram mais superstição do que ciência.

O método científico experimental, tão bem solidificado por cientistas como Galileu, Newton, Lavoisier e outros, simplesmente não era utilizado na medicina. E quando começou a ser (mal) utilizado, gerou alguns “monstrinhos” que hoje sabemos ser pseudocientíficos, ou seja, tinham cara de ciência séria, mas geravam interpretações e aplicações totalmente errôneas! Na maioria das vezes, portanto, geraram mais mal do que bem.

A craniologia, a fisiognomia e a caracterologia, assim como a frenologia, foram algumas dessas pseudociências médicas e antropológicas, que chegaram a gozar de extremo prestígio e ficaram em voga por muito tempo, mas que acabaram jogadas na lata de lixo da história da ciência médica, como veremos a seguir.

Frenologia: caroços no crânio

A frenologia foi a primeira a surgir, e a ditar a tendência que mais tarde constituiu o que chamamos de craniologia. Foi desenvolvida por um médico alemão chamado Franz Joseph Gall (1758-1828), e depois consolidada e divulgada por vários outros colegas, entre os quais o mais importante foi Johann Spurzheim (1776-1832), outro médico alemão.

Gall construiu sua teoria ao realizar extensas observações e medidas em crânios de parentes, amigos, estudantes, cientistas, escritores e até criminosos. Suas pesquisas se baseavam em um preconceito comum, na época, que o grau de inteligência era relacionado ao tamanho do cérebro. Muitos neurologistas importantes como o francês Paul Broca, o pai da antropologia, gastaram muito tempo tentando provar se isso era verdade.

Gall levou essa crença ainda mais longe. Ele pensava ter descoberto de maneira científica a correlação entre 37 faculdades mentais particulares a elevações e depressões na superfície do crânio ósseo, suas formas exteriores e dimensões relativas. Ele explicava essas marcas externas do crânio como refletindo a hipertrofia de determinadas estruturas cerebrais internas e que este crescimento estaria relacionado ao desenvolvimento de faculdades mentais associadas. Tudo muito lógico.

Com isso, ele desenvolveu mapas topológicos extremamente completos e detalhados (veja figura 1), que impressionavam a todos por parecerem ter uma base científica justificada. Em um século em que a ciência médica e a biologia procuram se libertar das influências da religião, a frenologia gerou um grande entusiasmo entre aqueles que achavam que a alma, as virtudes e os vícios, as emoções e a razão dos seres humanos eram unicamente determinada por leis naturais, que decorriam do cérebro e da evolução, e não dos imperativos divinos.

Se tivesse parado por aí, seria apenas uma teoria sem muita sustentação real. Mas Gall, e principalmente Spurzheim, como bons médicos, foram além. Usaram os mapas frenológicos para diagnosticar características mentais e psicológicas das pessoas, com base em um método simples e fácil (porém totalmente subjetivo), a palpação dos calombos no escalpo, e sua identificação nos mapas preparados.

Bem, não é preciso dizer que todas essas correlações simplesmente não existiam, que a forma do cérebro não reflete o desenvolvimento maior ou menor desta ou daquela característica, e que muito menos o cérebro é capaz de influenciar o formato do crânio.... Era tudo uma ilusão atingida por métodos de pesquisa inadequados (a estatística não existia, naquele tempo). Mas sabemos isso hoje. Na época parecia ser uma descoberta fantástica.

Com isso, "consultórios frenológicos" germinaram rapidamente na Europa e EUA, no ápice deste movimento, entre 1820 e 1842. Pessoas usavam a frenologia para tudo, incluindo para contratar empregados, para escolher um parceiro para casamento, ou para diagnosticar doença mental ou a origem de problemas psicológicos. Sua fácil aplicação por especialistas não-médicos e auto-didatas rapidamente conduziu ao uso por charlatões para exploração comercial de pessoas crédulas, de forma similar à astrologia, quiromância, iridologia e propostas esotéricas e alternativas.

No final do século XIX, no entanto, ficou claro que a frenologia não tinha bases científicas reais, e que tinha se transformado em mais um tipo de charlatanismo. Os cientistas sérios se distanciaram da frenologia, e ela acabou morrendo (embora, incredivelmente, ainda hoje existam auto-denominados "especialistas" que trabalham, falam, ensinam e escrevem sobre os aspectos "científicos" da frenologia).

Infelizmente, no entanto, a frenologia deu origem a muitos outros ramos pseudocientíficos baseados na análise quantitativa de características faciais e craniais, tais como a craniologia e a fisiognomia, muitas das quais sobreviveram até recentemente e foram aplicadas para gerar um grande número de erros e injustiças, e até a justificar o holocausto de várias raças e etnias na II Guerra Mundial, como contra os judeus.

Aparência, Raça e Temperamento: a Craniologia

Um das muitas pseudociências sucessoras da frenologia foi a craniologia, que advogava o uso de medidas quantitativas precisas de características cranianas a fim de classificar pessoas de acordo com a raça, temperamento criminal, inteligência, etc. A craniologia se tornou influente durante a era vitoriana, e foi usada pela primeira vez pelos britânicos, para justificar o racismo, a colonização e a dominância de "raças inferiores", tais como os irlandeses e tribos negras da África.

Tipos raciais foram classificados de acordo com o grau de prognatismo ou ortognatismo. Raças "inferiores" eram ditas prognáticas, tal como os chimpanzés e macacos, de modo que eles eram considerados como sendo mais próximos a estes animais do que aos demais europeus.

A generalização final e uma das mais nocivas e absurdas de todas, não tardou muito a ocorrer e foi a avaliação "científica" das características de personalidade baseada na aparência, graças a um médico, antropólogo e criminologista italiano, chamado Cesare Lombroso (1835-1909). Sua teoria de antropologia criminal associava determinadas características corporais ao tipo de criminoso. Por exemplo, Lombroso achava que os assassinos tinham maxilas proeminentes, e que os batedores de carteira tinham mãos longilíneas e barbas ralas... Lombroso achava ainda que certos criminosos apresentavam evidências físicas de um atavismo hereditário, remanescente de estágios mais primitivos da evolução humana. Estas anomalias, denominadas de estigmas por Lombroso, poderiam ser expressadas em termos de formas anormais ou dimensões do crânio e mandíbula,

assimetrias na face, etc, mas também de outras partes do corpo.

Lombroso foi uma personalidade altamente influente nos sistemas judicial e policial da Itália e em muitos outros países, inclusive no Brasil. Aqui, ainda na década de 1950, muitos juízes ordenavam a realização de análises antropométricas "lombrosianas" dos réus em processos criminais, que posteriormente eram usados pela acusação em julgamentos ! E, por incrível que pareça, o lombrosianismo é ensinado até hoje em algumas faculdades de direito...

Desnecessário dizer que as associações propostas por Lombroso são altamente inconsistentes ou completamente inexistentes, e as teorias baseadas na causa ambiental da criminalidade se tornaram dominantes.

Antropometria Fatal: o Terceiro Reich

Um uso infamante e mais bem conhecido da antropometria pseudocientífica foi feito pelos antropólogos e médicos nazistas, os quais, no Departamento de Higiene Racial do Ministério do Interior e no Escritório para o Esclarecimento da Política Populacional e Bem-Estar Racial, propuseram a classificação de arianos e não-arianos com base nas medidas quantitativas do crânio.

Essa idéia de que existiria uma raça superior de arianos e que os povos germânicos seriam essa raça, foi resultado de pseudoteorias raciais totalmente inventadas por escritores como o Barão de Coubertin, e mal digeridas por teóricos do nacional-socialismo, como Alfred Rosenberg. Hitler e seus asseclas, notórios anti-semitas, as acolheram de braços abertos, pois assim "justificavam" suas políticas criminosas de extermínio de todos que não eram considerados arianos, ou seja os sub-homens (*Untermenschen*, em alemão), desmerecedores de continuar vivendo.

A certificação craniométrica oficial tornou-se obrigatória por lei e era realizada por centenas de institutos e especialistas na Alemanha. Muitas pessoas foram condenadas aos campos de concentração ou tiveram negado o casamento ou o trabalho, em função desta "má medida do ser humano", como denominou o eminente biólogo e evolucionista americano Stephen Jay Gould a esse uso maciço e infeliz do conhecimento pseudocientífico para prejudicar pessoas.

Milhões de inocentes foram massacrados como consequência da aplicação consciente dessa grotesca pseudociência. E o mais impressionante, com a cumplicidade de centenas de cientistas e médicos, como o famoso Josef Mengele, a maioria dos quais nunca foi aprisionada ou punida por seus crimes. Alguns até publicaram seus resultados no pós-guerra e chegaram a ser elogiados por eles.

Isso tudo nos faz refletir muito sobre o papel nocivo da ciência médica, quando é deturpada pela ideologia aliada à pseudociência!

Para Saber Mais

- Sabbatini, RME: Frenologia: A História da Localização Cerebral. *Revista Cérebro & Mente*, março de 1997. Universidade Estadual de Campinas. Disponível na Internet: http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frenologia_port.htm
- Beiguelman, B.: Genética e ética. *Revista Ciência e Cultura*, 1990. Disponível na Internet: <http://pt.scribd.com/doc/46463411/Beiguelman-Bernardo-Genetica-y-etica>
- Wikipedia: Nazism and Race. Disponível na Internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Nazism_and_race
- Wikipedia: Craniometry. Disponível na Internet: <http://en.wikipedia.org/wiki/Craniometry>